

A SORORIDADE COMO EXPERIÊNCIA PRODUZIDA NA PESQUISA PARTICIPANTE

Márcia Regina **Becker** – Unisinos

Agência Financiadora: Capes

Resumo

Tomando por base o trabalho investigativo desenvolvido com oito artesãs, a discussão central do texto gira em torno das possibilidades metodológicas desenvolvidas e criadas durante uma pesquisa participante junto a mulheres artesãs. O texto aborda formas de participação tanto por parte da pesquisadora nas ações desenvolvidas pelo grupo pesquisado como a participação do grupo nas ações desenvolvidas pela pesquisadora. Como pensar a participação de ambos os lados? Quais caminhos podem nos levar para a *sororidade* na pesquisa com/entre mulheres? Qual pedagogia é possível construir nas pesquisas em Educação? Essas são algumas questões para as quais o texto pretende ser direcionado e trazendo a abordagem e o uso dos Grupos de Discussão e do Método Documentário sem perder de vista o conceito de *sororidade*.

Palavras-chave: Artesãs; Grupos de Discussão; Método Documentário; Pesquisa Participante; *Sororidade*.

A SORORIDADE COMO EXPERIÊNCIA PRODUZIDA NA PESQUISA PARTICIPANTE

Considerações Iniciais

Esse texto pretende abordar possibilidades metodológicas numa pesquisa com mulheres artesãs. Apresentamos nesta nota introdutória, algumas breves reflexões acerca de como compreendemos a relação das mulheres com o trabalho artesanal, quer seja no artesanato ou na arte popular. Primeiramente é preciso dizer da importância que as mulheres têm na produção de objetos artesanais não só no nosso país, mas praticamente em todos os cantos deste planeta. Dos dados obtidos junto a FGTAS¹ o

¹ Fonte: Fundação Gaúcha Do Trabalho E Ação Social - FGTAS. **Programa gaúcho do artesanato:** relatório: 2010. Porto Alegre, [2011].

estado do Rio Grande do Sul em 2010 apresentava 72.865 artesãos cadastrados, sendo que desse total 78% eram mulheres. Segundo Eli Bartra (2004), podemos dizer que o artesanato e a arte popular, na contemporaneidade, são uma arte feminina e por isso, existe a necessidade de compreender como a atividade artesanal se fez e ainda se faz presente na vida das mulheres.

No decorrer da história da ciência, o trabalho das mulheres ficou por muito tempo fora da sistematização das pesquisas produzidas. Mesmo que as pesquisas no campo dos estudos feministas procurassem mostrar o que as mulheres faziam, esses estudos ficaram muito relegados ao trabalho da mulher na indústria e nas fábricas e em especial nas têxteis. Para Neusa Stimamiglio (2010, p.28), o próprio movimento feminista contribuiu em certa medida na deslegitimação da experiência das mulheres (é pertinente se referir à primeira onda nesse caso): “as mulheres passaram a sentir vergonha de dizer o que faziam, quando esse fazer estava relacionado apenas com a casa, com os espaços interiores, com a experiência construída no cotidiano”. No entanto as mulheres seguiram tricotando e bordando.

O trabalho das mulheres na realização da feitura de coisas – o artesanato – pode ser uma forma de desenvolver autonomia, criatividade e produção de conhecimento. Aline Cunha (2010) aponta que as mulheres buscam no trabalho manual (artesanato) uma estratégia de mudança, passando, com isso, a reinventar/ressignificar um lugar, historicamente cativo que remete ao trabalho doméstico. Márcia Paixão ao estudar o conceito de opressão e de cativo² afirma que “o cotidiano revela várias formas e práticas que denunciam explicitamente e veladamente que os cativos ainda existem nos modos de ser da vida em sociedade” (PAIXÃO, 2012, p.07). O artesanato pode ser uma dessas práticas ou então uma forma de superá-las.

Pesquisa participativa com mulheres

Por pressão de movimentos sociais como o feminismo e a educação popular o ato de pesquisar passou a ser discutido também como um ato educativo e tanto metodologias como métodos de pesquisa deixaram de ser estudados como instrumentos rígidos e prontos para serem aplicados, criando-se a compreensão da necessidade em gerar novas relações no trabalho de pesquisa com pessoas. Danilo Streck ressalta que

² O conceito de cativo é apresentado por Marcela Lagarde de Los Ríos em *Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*.

“não é mais possível conceber o método como um conjunto de passos estruturados cartesianamente que vão levar à verdade” (2006, p. 273). Assim como Rubem Alves usa a metáfora da rede de pescar. Diz Alves (2005, p.108): “o método é a rede que os cientistas (sic) usam para pegar seus peixes”. Essa relação que o escritor faz do método com a rede de pescar é para dizer que muitas coisas podem escapar dos métodos que escolhemos, assim como muitos peixes escapam da rede ou porque a rede devido à suas fissuras os deixa escapar ou porque os peixes se afugentam dela. O autor ensina-nos sobre a necessidade de usarmos redes de pescar de diferentes tamanhos, cores, espessuras e lançá-las em diferentes águas e porque não aos ventos e agregar a elas outras formas, ou seja, variar nos métodos e inovar nas metodologias. O que é possível, constatar em algumas pesquisas, são os processos educativos que acontecem por meio de trabalhos artesanais que as mulheres realizaram ao longo da história. É viável, por exemplo, construir projetos de conhecimento por meio da técnica do bordado como propõe Marli Brun (2013). Buscar visibilizar esse outro tipo de marca, produzida por meio do trabalho artesanal, exige certa ousadia e rupturas a serem feitas para que outras metodologias possam gerar conhecimento no campo da educação.

Para o feminismo é preciso compreender que a ciência não é neutra e abandonar velhos dualismos como: pensar e sentir, razão e emoção, masculino e feminino e tantos outros impossíveis de elencar aqui. De acordo com Peres Sedeño apud Carla Giovana Cabral (2006, p.36) abandonar essas oposições é “crer que o modelo de ciência, que manejam muitos cientistas e a filosofia da ciência da concepção herdada não é neutra”. Sabemos que historicamente o masculino e o feminino (duas dimensões de cada um de nós seres humanos/as) foram construídos em oposição e por isso mesmo a construção da ciência não é neutra. Visto que: o feminino tomado como inferior e o masculino como superior. Ao pesquisar com mulheres artesãs estamos impregnando objetividade, mas que não é aquela objetividade que discriminou as mulheres na história do conhecimento. A ideia de que a ciência é neutra e que a tecnologia determina o curso da vida na sociedade tem sido semeada como um ideal da filosofia do atual sistema econômico (o capitalismo) vigente em quase todos os países e que vem sendo sustentado pelo patriarcado há muitos séculos. Para Vandana Shiva(2000) a ciência moderna foi conscientemente sexista e ativamente patriarcal.

Se considerarmos a educação como uma prática voltada à autonomia do indivíduo, Paulo Freire (2011), temos que considerar as mulheres como constituintes

dessa prática e seu lugar na possibilidade, na origem e na essência do conhecimento. Para Margarita Pisano (2001) é preciso ensaiar outras formas e outros códigos para relacionarmos-nos neste mundo a fim de desconstruir a cultura patriarcal atualmente vigente. E isso perpassa também por novas formas de pesquisar e fazer ciência.

A metodologia da pesquisa participante pode ser uma dessas formas porque ela compreende, conforme Streck e Brandão (2006, p12), a construção de experiências de criação coletiva de conhecimentos que buscam superar a oposição sujeito/objeto.

Dentro desta perspectiva, feministas apontam um modo mais político quando se trata de pesquisar com mulheres buscando visibilizar suas histórias e processos. O que se produz nessa escuta faz com que tenhamos o compromisso político de perceber na outra mulher pesquisada um rosto da descoberta de nós mesmas/os. Assim como a Pesquisa Participante (ou no uso do termo: participativa) que denuncia a relação de neutralidade [sujeito: pesquisadora – objeto: pesquisada], também a pesquisa feminista propõe que as metodologias construam a relação sujeito-sujeito. Portanto buscam reconstruir um conceito apresentado por Marcela Lagarde de Los Ríos:

La sororidad es una dimensión ética, política y práctica del feminismo contemporáneo. Es una experiencia subjetiva de las mujeres que conduce a la búsqueda de relaciones positivas y a la alianza existencial y política cuerpo a cuerpo, subjetividad a subjetividad con otras mujeres, para contribuir a la eliminación social de todas las formas de opresión y al apoyo mutuo para lograr el poderío genérico de todas y el empoderamiento vital de cada mujer.

La sororidad es la conciencia crítica sobre la misoginia, sus fundamentos, prejuicios y estigmas, y es el esfuerzo personal y colectivo de desmontarla en la subjetividad, las mentalidades y la cultura, de manera paralela a la transformación solidaria de las relaciones con las mujeres, las prácticas sociales y las normas jurídico políticas (LAGARDE DE LOS RÍOS, 2012, p. 543).

A palavra *sororidade* não existe na língua portuguesa, entretanto, uma palavra muito semelhante, fraternidade, pode ser encontrada em qualquer dicionário e descrita como solidariedade entre irmãos ou então como harmonia entre os homens. Ambas as palavras vem do latim, sendo que *sóror* corresponde a irmãs e *frater* a irmãos. A versão masculina é a que ficou entre nós, afinal de contas, a sociedade patriarcal nos ensina que relações harmoniosas somente são possíveis de se concretizarem entre os homens e não entre as mulheres. Desse modo o sentido do termo *sororidade* necessita ser resgatado e formas de vivenciar este tipo de relação necessitam ser ensaiadas também durante o

trabalho de pesquisa. A metodologia da pesquisa participativa carrega essas possibilidades.

Uso do Grupo de Discussão na Pesquisa Participativa

Na experiência da pesquisa realizada com um grupo de artesãs³ optamos pela pesquisa participativa entendendo que a participação pode apresentar-se sob duas dimensões: “de um lado, a participação popular no processo de investigação, de outro, a participação da pesquisa no correr das ações populares” Brandão (2006, p.31). Para que a participação de fato aconteça o exercício do diálogo é essencial e, sobretudo como lembra Streck (2006, p. 265) “antes do domínio de determinadas técnicas, pesquisar implica capacidade de escutar, um escutar denso, intenso e (im)paciente” de modo que o exercício da escuta já é uma forma de exercitar a *sororidade*. A participação durante a pesquisa foi acontecendo tanto por parte da pesquisadora no acompanhamento das ações do grupo assim como a participação do grupo nas ações de pesquisa⁴. Para que as artesãs tivessem a oportunidade de narrar suas experiências de gestão no artesanato e avaliarem a sua própria formação e refletir a relação entre a formação e a gestão propôs-se a utilização do método de Grupos de Discussão e a realização de dois encontros formativos (denominados de: encontro estudo).

A proposta metodológica do Grupo de Discussão - GD foi introduzida no Brasil por Wivian Weller que utiliza o chamado Método Documentário para a análise desse tipo de entrevista em suas pesquisas. O GD é uma entrevista coletiva que tem como objetivo “a obtenção de dados que permitem a análise do meio social dos entrevistados, bem como de suas visões de mundo ou representações coletivas”, Weller (2006, p.244).
Os Grupos de Discussão – GDs

quando são realizados com pessoas que partilham de experiências em comum reproduzem estruturas sociais ou processos comunicativos nos quais é possível identificar um determinado modelo de comunicação. Esse modelo não é casual ou emergente, muito pelo contrário: ele documenta experiências coletivas assim como características sociais desse grupo, entre outras: as representações de gênero, de classe social, de pertencimento étnico e geracional (Weller, 2010, p.58).

³ Trabalho investigativo desenvolvido durante 2013 com um grupo de artesãs e que teve como objeto de investigação a compreensão de como ocorre à formação de mulheres artesãs e de que maneira ela influencia a gestão do artesanato.

⁴ A pesquisadora participou de diversas atividades de formação no grupo das artesãs e as artesãs participaram de atividades organizadas dentro de espaços da universidade e que visavam debater a formação e o trabalho das mulheres no artesanato e de atividades organizadas pela pesquisadora durante a pesquisa como os GDs e os “encontro estudo”.

Esse método possibilita as opiniões coletivas proporcionando o diálogo entre quem é participante da ação pesquisadora e nesse exercício do diálogo há a oportunidade de atualização daquelas experiências que giram em torno da temática proposta pela pesquisa. Desse modo as opiniões que o grupo emite não são formuladas durante o GD, elas são apenas atualizadas.

Conforme Weller (2006, p 247), o ideal é compor grupos de três até no máximo seis participantes. Na pesquisa realizada foram organizados dois GDs cada qual com a participação de quatro artesãs e mais a pesquisadora. O critério de formação dos grupos ficou a cargo das próprias artesãs que definiram duas datas diferentes para a realização dos GDs conforme a disponibilidade de cada integrante.

A preparação dos GDs é encaminhada por quem coordena a pesquisa com a elaboração previa de um tópico-guia que é uma espécie de roteiro a ser utilizado na condução dos GDs. Esse roteiro é elaborado com base nos dados coletados previamente. Nesta pesquisa o roteiro foi elaborado com base nos dados coletados após cinco meses de observação participante (veja-se o quadro do Anexo I). O tópico-guia⁵ sugere a elaboração dos temas e a forma como as perguntas poderão ser encaminhadas ao grupo durante o GD.

Os aspectos teóricos e metodológicos do método documentário, utilizado na interpretação de dados qualitativos, são explorados por Weller (2005, 2010) que o apresenta como um método adaptado por Ralf Bohnsack das ideias do sociólogo alemão Karl Mannheim para o uso na análise dos GDs. Conforme a autora o método documentário é apresentado por Mannheim como um método de análise das visões de mundo, com base em três níveis de interpretação (níveis de sentido): nível objetivo ou imanente, dado naturalmente (por exemplo, num gesto, num símbolo ou ainda na forma de uma obra de arte); nível expressivo, que é transmitido através das palavras ou das ações (por exemplo, como expressão de ou como reação a algo); e nível documentário, ou seja, como documento de uma ação prática.

Com base na diferenciação dos três “níveis de sentido” apresentados por Mannheim, Bohnsack atualizou a interpretação documentária, tanto do ponto de vista do método como da metodologia, e a transformou em um instrumento de análise para a pesquisa social empírica de caráter

⁵ Weller (2006, p. 255) apresenta um modelo de tópico-guia utilizado em suas pesquisas com jovens. Utilizamos o mesmo modelo adaptando-o nesta pesquisa.

reconstrutivo. Bohnsack coloca a reconstrução do terceiro nível de sentido no centro da análise empírica, o que significa que, ao invés da reconstrução do decurso de uma ação (nível objetivo ou imanente), passaremos a analisar e reconstruir o sentido dessa ação no contexto social em que está inserida (nível documentário), (WELLER, 2005 p. 268).

Conforme Weller (2005, 2010), a interpretação documentária não parte de teorias ou metodologias elaboradas previamente e a reconstrução constitui-se a principal ferramenta do método de análise. A principal tarefa do/a pesquisador/a consiste em explicar e definir o conhecimento *ateórico* do grupo pesquisado o que quer dizer que é necessário compreender, mas, sobretudo interpretar as visões de mundo do grupo. No nosso caso isso se aplica a ideia que: as artesãs por mais que possam compreender a formação e a gestão do artesanato não necessariamente se encontram em condições de interpretar as suas experiências de gestão e de formação. E o papel da pesquisadora se torna fundamental, neste aspecto, pois auxilia o grupo a interpretar suas ações.

As etapas de análise, segundo o método documentário de interpretação, dividem-se em três: interpretação formulada, interpretação refletida e a interpretação comparada. Esta última etapa só é desenvolvida em casos de comparações com outros grupos abordando uma mesma temática e não foi desenvolvida na pesquisa em questão. A interpretação formulada, conforme Weller (2005, 2006, 2010), busca compreender o sentido imanente das discussões, isto é, a descrição do grupo pesquisado, além de decodificar o vocabulário coloquial o que quer dizer, reescrever aquilo que foi dito nos GDs trazendo o conteúdo dessas falas para uma linguagem que também poderá ser compreendida por quem não faz parte do meio social pesquisado. Basicamente compreende: a) a organização das temáticas discutidas na entrevista; b) a seleção e transcrição dos temas que serão analisados (na pesquisa realizada a transcrição dos GDs foi utilizada na íntegra); c) a análise detalhada do sentido imanente (decodificação do vocabulário coloquial).

Após a transcrição completa dos dois GDs, estruturamos os principais temas e subtemas de cada GD. Essa organização de certa maneira já se constitui em uma análise de primeira ordem. Para definir os temas levou-se em conta a intensidade e a duração de cada assunto. Quando desse assunto (tema) surgiam novos assuntos e esses discutidos em menor intensidade e com uma duração de tempo menor eram denominados como subtemas. Nem sempre um subtema origina-se de um tema, como por exemplo, no

GD2⁶ ao final da discussão a entrevistadora provoca o grupo a conversar sobre a avaliação que fazem da formação (tema) e depois de falarem um pouco sobre isso Margarida⁷ passa a discutir, brevemente, a aposentadoria no artesanato. Pela pouca intensidade que o assunto (aposentadoria) recebeu optamos em defini-lo como um subtema.

A análise do sentido imanente permite, além, da decodificação do vocabulário coloquial, um resumo daquilo que foi dito durante os GDs. Diante do esforço de ter que resumir toda a discussão e trazê-la para a linguagem culta, esta fase da análise toma grande importância no sentido em que abre o caminho para a análise refletida (no anexo III pode-se verificar a exemplificação de um excerto da transcrição de uma parte da primeira temática do GD1 com a interpretação formulada desse mesmo excerto). A decodificação da linguagem coloquial para a linguagem culta, além de representar um exercício para a realização da próxima etapa de análise, pode ser utilizada na publicação da pesquisa em substituição a transcrição das falas dos GDs permitindo, assim, melhor acesso de outros pesquisadores/as interessados/as na temática já pesquisada em determinado meio social (no caso desta pesquisa todas as integrantes do grupo de artesãs incluindo a pesquisadora costumeiramente se dirigiam umas as outras durante os GDs comunicando-se no dialeto alemão muito praticado na Região do Vale do Caí).

Enquanto na interpretação formulada se organiza a estrutura de um GD (organização temática e decodificação da linguagem) na interpretação refletida analisa-se o conteúdo da discussão e as motivações que estão por detrás dessas ações. Isso implica uma observação de segunda ordem, na qual o/a pesquisador/a realiza suas interpretações, recorrendo ao conhecimento adquirido sobre o meio pesquisado além dos estudos teóricos sobre o tema.

Quando nós pesquisadoras/es passamos a compreender que quem participa do nosso trabalho não são meros/as informantes mas pessoas que tem maneiras de conhecer e produzir saberes torna-se mais fácil construir estratégias que possam gerar práticas pedagógicas durante o trabalho de pesquisa. A pesquisa participante desde sua origem sempre buscou esse espírito: reconhecer que quem participa do nosso trabalho

⁶ Usamos junto à nomenclatura GD a ordem de realização das entrevistas em grupo representada por meio de números cardinais (1 e 2) . Sendo que GD1 corresponde à primeira entrevista de grupo e GD2 à segunda, respectivamente.

⁷ Nome fictício.

também é um ser pensante e gerador de sabedoria e conhecimento. Nesse sentido a pesquisa participativa com mulheres pode vir a ser um espaço para o exercício da *sororidade*. Na pesquisa realizada com o grupo de artesãs os GDs foram um exercício de reflexão sobre a formação e de como ela auxilia na gestão do artesanato. Seguir a perspectiva da pesquisa participante significou a construção de um processo pedagógico com base na escuta atenta da Outra.

A pesquisa como espaço da prática pedagógica e do exercício da *sororidade*

A devolução de dados, momento que serve como uma espécie de espelho, ou seja, uma possibilidade de reflexão das situações vividas pelo grupo pesquisado, conforme Streck (2006, p. 272), foi organizado após a realização dos GDs e da transcrição integral e da posterior interpretação formulada. Sendo organizados dois encontros com as artesãs⁸ e que foram denominados com elas de “encontro estudo”. Esses encontros foram uma estratégia, encontrada pela pesquisadora, para provocar no grupo a reflexão sobre as opiniões emitidas a respeito da formação e da influência dela na gestão durante os GDs. Foi também uma forma de construir o espaço público necessário para ação (ARENDDT, 2003). Um espaço no qual a *sororidade* pôde ser exercida e experimentada.

No primeiro “encontro estudo⁹” as discussões giraram em torno da estrutura do texto do projeto de dissertação, em um primeiro momento. A pesquisadora apresentou o trabalho de investigação até então desenvolvido e elaborado por ela e com os dados obtidos junto às artesãs por meio das observações realizadas, utilizando para tal o mesmo material apresentado durante a defesa de qualificação do projeto de dissertação¹⁰. No segundo momento desse primeiro “encontro estudo” o trabalho se desenvolveu por meio da leitura coletiva de algumas partes do texto do projeto em especial do capítulo teórico-metodológico. Essa leitura se deu de maneira dialogada com momentos de leitura intercalados de debate e discussão. O que significou um momento de formação e de construção de conhecimentos para o grupo e para a pesquisadora.

⁸ Nos dias 14 e 17 de outubro de 2013.

⁹ O correu na sala de reuniões da prefeitura de São Pedro da Serra com a presença de todas as artesãs.

¹⁰ No formato PowerPoint.

Mesmo que durante a inserção da pesquisadora no meio do grupo já houvessem ocorridos momentos de debate sobre a construção social dos papéis atribuídos socialmente as mulheres e da perspectiva histórica que o artesanato assumiu ao longo dos tempos na história das mulheres, nesse segundo momento a leitura coletiva e dialogada também assumiu uma perspectiva de formação para as artesãs despertando nelas a curiosidade epistemológica, Paulo Freire (1996). Por meio da leitura dialogada de alguns excertos de autoras feministas como: Stimamiglio (2010), Perrot (2007), Saffioti (2004), Louro (2011), Gebara (2000), Bartra (2004), Lagarde de losRíos (2005), Pisano (2012) que permitem compreender a construção social do gênero e de como as mulheres sempre tiveram no artesanato uma forma de trabalho invisibilizado. Isso permitiu que as artesãs observassem as suas próprias experiências de vida na perspectiva da curiosidade epistemológica. Curiosidade revelada entre alguns curtos momentos de silêncio e outros que se constituíram em comentários do tipo “*que acham mulheres? deveríamos estudar mais isso!*”¹¹. Isso significa que outras temáticas passaram a ser vistas, pelas próprias artesãs, como possibilidade de fazer parte da formação.

No segundo “encontro estudo”¹² seguimos com a mesma sistemática de ler coletivamente e dialogar sobre o que estava sendo lido. Nesse encontro o debate girou em torno da análise formulada feita pela pesquisadora com base na transcrição dos GDs. Essa metodologia permitiu que o grupo enxergasse o trabalho da pesquisadora e a maneira como os dados estavam sendo sistematizados. Mas mais do que isso, esse exercício permitiu o diálogo e a reflexão sobre o modo como as artesãs enxergavam a si mesmas, ou seja, sua formação e o modo como ela influenciava o trabalho delas.

Retomando a ideia do espelho em Streck (2006), a prática pedagógica dos dois “encontro estudo” proporcionou um distanciamento das situações cotidianas vividas pelo grupo. Esse distanciamento permitiu a geração de uma infinidade de questionamentos sobre diversos aspectos que já haviam sido abordados durante a realização dos GDs. Gerando um movimento no qual pesquisadora e artesãs se propunham a dialogar em torno do objeto de investigação, produzindo novos questionamentos. O cotidiano passa a ser objeto de reflexão e essa prática produzindo

¹¹ Palavras proferidas por Orquídea durante a realização do primeiro encontro. Os nomes que utilizamos para designar as artesãs são todos fictícios.

¹² Ocorreu na sede da Associação e teve a participação de todas as artesãs com exceção de Lírio e Camélia que tiveram problemas familiares.

muito mais perguntas do que respostas. Uma estratégia que favoreceu também o trabalho da pesquisadora enriquecendo e qualificando a análise, especialmente análise refletida, realizada posteriormente aos “encontro estudo”. Sobretudo, esse exercício metodológico favoreceu uma relação participativa ao longo do processo investigativo, mostrando-se um caminho para o exercício da *sororidade* na pesquisa com/entre mulheres.

Considerações finais

Durante o processo de investigação buscamos seguir às riscas um compromisso que entendemos ser de natureza ética: de que quem pesquisa nunca pesquisa sozinha/o. Partindo do pressuposto de que a maneira como tornamos as nossas investigações mais ou então menos participativas está intimamente relacionado com a maneira como nós, pesquisadoras/es nos relacionamos com o conhecimento. Ao compreendermos de que o ato da pesquisa tem potencial pedagógico e de que ele pode ser em si mesmo uma prática pedagógica, permite a alçada para novos vãos em pesquisa com mulheres, particularmente. Nosso estudo quer contribuir, nesse aspecto, para a reflexão sobre métodos e metodologias de pesquisa nas Ciências Humanas. Na produção de pesquisas mais participativas e que possam desenvolver além de resultados cientificamente demonstráveis também, processos formadores por meio da prática de métodos e metodologias que buscam construir a relação sujeito-sujeito. Possibilitando que o ato da pesquisa venha a ser um espaço para a vivência da *sororidade*.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. São Paulo: edições Loyola, 2005
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- BARTRA, Eli (Org.). **Creatividad invisible**: mujeres y arte popular en América Latina y Caribe. Xochimilco: Universidade Autónoma Metropolitana-Xochimilco, 2004.
- BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo. A pesquisa participante e a partilha do saber: uma introdução. In.: BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo R. (orgs) **Pesquisa Participante**: O saber da partilha. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

BRUN, Marli; **Bordando Cidadania**: Projetos de conhecimento de mulheres na preservação cultural dos Wandschoner em Ivoti (2007-2013)2013. 198 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2013].

CABRAL, Carla Giovana. Investigando o caráter situado do conhecimento: reflexões sobre epistemologias feministas e educação científica e tecnológica. In: **Revista Tecnologia e Sociedade**. Curitiba, n. 1 (out.2005), p. 23-41, 2006.

CUNHA, Aline Lemos da. **Histórias em Múltiplos Fios**: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. 2010. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2010].

PAIXÃO, Márcia. A retomada do conceito de opressão por meio dos cativéis das mulheres de Marcela Lagarde: questões para debate. **Labrys** (Edição em Português. Online), v. 22, p. 1-17, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LAGARDE DE LOS RIOS, Marcela. **Cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4.ed., Ciudad del México: UNAM, 2005.

LAGARDE DE LOS RIOS, Marcela. **El Feminismo en mi vida**: hitos, claves, y topías. 2012. Livro eletrônico. Disponível em < www.inmujeres.df.gob.mx>.

PERROT, Michelle. **Minha história sobre as mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PISANO, Margarita. **El triunfo de la masculinidad**. 2001. Disponível em: <<http://webs.uvigo.es/pmayobre/pdf/pisano.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. **Do artesanal ao industrial**: a exploração da mulher. São Paulo: HUCITEC, 1981.

SHIVA, Vandana. Deixem-nos sobreviver: mulheres, ecologia e desenvolvimento. IN.: Ruether, R. Rosemary (org.). **Mulheres curando a terra**: mulheres do terceiro mundo na ecologia, no feminismo e na religião. São Paulo: Paulinas, 2000.

STIMAMIGLIO, Neusa Maria Roveda. **Bordando Sonhos**. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2010.

STRECK, Danilo R. Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. In.: BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo R. (orgs) **Pesquisa Participante**: O saber da partilha. Aparecida, SP: Idéias& Letras, 2006.

STRECK, Danilo R; BRANDÃO, Carlos R. A pesquisa participante e a partilha do saber: uma introdução. In.: BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo R. (orgs) **Pesquisa Participante: O saber da partilha**. Aparecida, SP: Idéias& Letras, 2006.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Revista sociologias**, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 260-300, jan./jun. 2005.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. In.: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In.: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Pretrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Anexo I– Quadro Tópico-Guia

Bloco Temático	Pergunta ao grupo	Objetivo a alcançar
Formação	Vocês poderiam falar um pouco como percebem a formação de vocês no artesanato? O que significa aprender tanta coisa por meio das oficinas, das palestras, das visitas técnicas e com os outros grupos que vocês visitam e até as reuniões de vocês, o que tudo isso representa para vocês?	Compreender o significado que as artesãs atribuem à formação e como a qualificam.
Execução do processo de aquisição de matéria prima	Queria saber como vocês fazem para adquirir a matéria prima para os produtos que desenvolvem?	Entender o processo de aquisição de matéria prima.
Execução do processo de criação produto (design)	Queria saber como vocês fazem para criar, desenvolver o desenho do produto, o design em si?	Entender o processo de criação do produto, do design e compreender em que as artesãs se baseiam.
Execução do processo de confecção do produto	Queria que me detalhassem como vocês produzem? Como por exemplo, se vocês projetam uma serie de objetos para fazer de uma só vez; em quais espaços costumam trabalhar; a duração...	Entender o processo de produção.
Execução do processo: de comercialização	Gostaria de saber como vocês colocam o preço e como fazem para vender tudo o que produzem?	Entender o processo de comercialização.
Percepção da formação em relação à execução dos processos do artesanato.	Vocês fazem todas as etapas, todos os processos que envolvem o artesanato. Queria saber como vocês percebem a formação em relação à execução de todos esses processos?	Compreender como as artesãs percebem a formação em relação aos diversos processos do artesanato que executam. O objetivo é compreender se a formação permite ou não melhorar a gestão dos processos do artesanato.

Anexo II – Organização Temática GD2

Pergunta inicial: <i>Vocês poderiam falar um pouco como percebem a formação de vocês no artesanato?</i> Duração da pergunta: 00:00.0 – 00.57.0		
Tempo	Temática	Subtema
00:57.0 – 27:28.0	Formação <i>Introduzido pela entrevistadora</i>	Visitas técnicas/excursões <i>Introduzido por Amarílis</i> Palestras <i>Introduzido por Margarida</i> Oficinas <i>Introduzido por Amarílis</i> Importância da Emater na formação <i>Introduzido por Estrelícia</i> Problematização acerca do conceito de artesanato <i>Introduzido por Margarida</i>
27:28.0 – 43:59.5	Aquisição de matéria prima <i>Introduzido pela entrevistadora</i>	Tratamento da matéria prima natural <i>Introduzido por Estrelícia</i> Problematização acerca do conceito de artesanato e carteira profissional <i>Introduzido por Amarílis</i> Formação e aquisição de materiais para o trabalho <i>Introduzido pela entrevistadora</i>
43:59.5 – 54:30.1	Processo de criação, de design <i>Introduzido pela entrevistadora</i>	Criação com base em revistas, modelos prontos e internet <i>Introduzido pelo grupo</i> Formação em relação ao processo de criação <i>Introduzido pela entrevistadora</i>
54:30.1 – 1:04:17.0	Produção <i>Introduzido pela entrevistadora</i>	Trabalho durante a madrugada <i>Introduzido por Amarílis</i> Retomada da discussão sobre o conceito de artesanato <i>Introduzido por Margarida</i> Espaço da casa como espaço da produção <i>Introduzido por Lírio</i> Produção para a festa do município <i>Introduzido por Amarílis</i>
1:04:17.0 – 1:12:41.5	Colocação de preço nos produtos <i>Introduzido por Margarida</i>	
1:12:41.5 – 1:25:28.3	Comercialização <i>Introduzido pela entrevistadora</i>	A importância de conhecer os tipos de consumidores <i>Introduzido por Margarida</i> A importância do seminário de artesanato <i>Introduzido pela entrevistadora</i> Valorização da qualidade em detrimento da quantidade <i>Introduzido por Lírio</i>
1:25:28.3 – 1:33:36.6	Avaliação da formação <i>Introduzido pela entrevistadora</i>	Formação e colocação de preço <i>Introduzido por Margarida</i> Aposentadoria <i>Introduzido por Margarida</i>
1:33:36.6 – 1:50:00.0	Dificuldades na criação de produtos com a temática voltada para o município <i>Introduzido pela entrevistadora</i>	

Anexo III

Amostra de uma parte da transcrição do GD1

1.Entrevistadora: Já está gravando. Então, eu tenho acompanhado desde março toda a
 2.formação que vocês tem feito: oficinas, palestras e visita técnica né. Então eu queria que
 3.vocês falassem um pouco, que a gente entre nós conversasse na verdade. A pergunta é:
 4.vocês poderiam falar um pouco como percebem a formação de vocês no artesanato? né,
 5.então tudo isso: seminário, visita técnica, a oficina que vocês fizeram nesses dias e todas as
 6.outras que vocês já fizeram. Como é que vocês percebem tudo isso? Tudo isso que vocês
 7.têm de formação. Inclusive as reuniões de vocês para a gente poder parar para pensar um
 8.pouco e refletir sobre isso (13)
 9.Orquídea: Eu acho assim pelo que (1) eu vou responder pela minha maneira como eu estou
 10.vendo isso. Eu acho que como nós temos aquela **sede** de ter mais conhecimentos e a gente
 11.sempe vai a procura de coisas pra melhorar, quem está dando esta resposta para nós são
 12.as pessoas que entram aqui (3) são as pessoas que ahm os turistas que estão vindo as
 13.pessoas ou que vão ver os nossos trabalhos porque são eles que estão dizendo assim que
 14.nós estamos bem que nós estamos fazendo um bom trabalho. (2) Então ao meu ponto de
 15.vista eu acho que quem esta dando essa resposta para nós são os que vem de fora (2) os
 16.nossos clientes
 17.Camélia: E isso tudo por causa desses nossos **encontros** eu acho () com o
 18.seminário=seminário a gente sempre cresce com alguma coisa a gente sempre aprende né
 19.e com isso a gente depois aplica nos nossos trabalhos também né não adianta só isso
 20.na teoria nós temos que fazer isso na prática também (3)
 21.Orquídea: é nós temos (.) como nós temos aquela vontade de ter conhecimentos então a
 22.gente não para nós, sempre temos o (.) uma viagem pra ir uma=uma coisa pra ver (.) então
 23.Gérbera: Eu acho que as curiosidades (.) todo trabalho que a gente faz (.) eu sempre quero
 24.mais (.) e aí surgem mais novidades e curiosidades por isso acho que agente não para (.)
 25.que cada vez quer mais e mais né (6)

Interpretação Formulada correspondente ao quadro anterior

Linhas 1 – 8: **[pergunta inicial]** A entrevistadora inicia a conversa dizendo que tem acompanhado, desde março de 2013, toda a formação do grupo como: oficinas, palestras, visita técnica e reuniões do grupo. Provoca as artesãs a falarem sobre a percepção que elas têm da formação que fazem tendo em vista o artesanato incluindo tudo que já fizeram em termos de formação. Convida-as para refletir e conversar sobre isso.

Linhas 9 – 25: **[tema: formação]** depois de treze segundos de silêncio Orquídea inicia dizendo que todas as artesãs do grupo têm muita vontade de aprender e de buscar novos conhecimentos para melhorar o que fazem no artesanato. Para ela são os turistas que estão dando o retorno, o que é positivo, ao comprar e elogiar os produtos. Para Camélia isso ocorre devido à formação, em especial, que gira em torno do seminário regional de artesanato. Destaca a importância de sempre aprender algo na relação entre teoria e prática. Compreende que não adianta saber apenas na teoria, mas que precisa saber fazer na prática. Orquídea compartilha a ideia de que formam um grupo que sempre está em busca de conhecimentos novos. Para Gérbera o grupo se move pela curiosidade.